



CROSSING DIVERSITY

Ferramentas de Aprendizagem e Orientação
contra a Discriminação de Pessoas
Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais em
diferentes culturas



Nota Editorial

CROSSING DIVERSITY

Ferramentas de Aprendizagem e Orientação contra a Discriminação de Pessoas Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transsexuais em diferentes culturas

Publicado por

Liceo Classico Statale “SOCRATE” (Socrate High school) – Roma (Itália)

Versão Online

www.eurialo.eu

Layout

Diana Orefice

Os direitos de autor de todos os textos pertencem à editora. A duplicação e reimpressão, ainda que parcial, só serão permitidas se for mencionada a fonte.

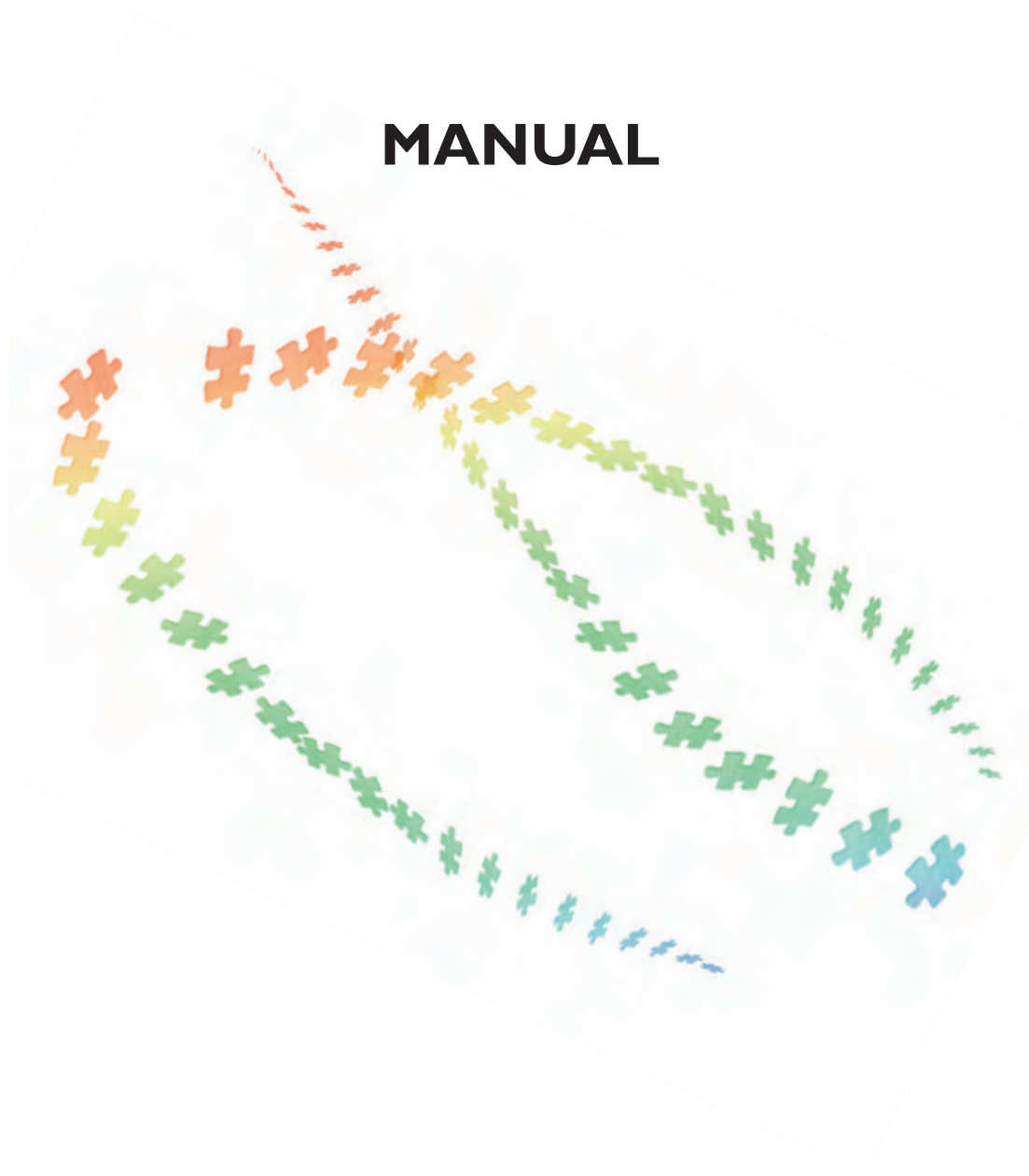
Este projeto foi financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação reflete apenas os pontos de vista do autor. A Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer utilização que possa ser feita da informação contida nesta publicação.

www.eurialo.eu

CROSSING DIVERSITY

**Ferramentas de Aprendizagem e
Orientação contra a Discriminação de
Pessoas Gays, Lésbicas, Bissexuais e
Transsexuais em diferentes culturas**

MANUAL



O Manual e os 9 Guias Temáticos reúnem os resultados do Projeto de Transferência de Inovação LEONARDO DA VINCI “EURIALO” e constituem o respetivo produto final, elaborado graças ao contributo de todos os Parceiros.

Membros dos Grupos de Trabalho:

- Liceo Classico Statale “SOCRATE” (IT), EURIALO Parceiro Promotor do Projeto EURIALO
prof. Gabriella de Angelis, prof. Vincenza Zinetta Cicero, prof. Alessandra Balielo
- CIRSES – Centro di Iniziativa e di Ricerca sul Sistema Educativo e Scientifico (IT), Parceiro Coordenador do Projeto EURIALO, *Alessandra Antinori, Federica Paragona, Sara Ricci*
- ARCIGAY Roma (IT) – *Gianfranco Geraci, Fabrizio Marrazzo, Carlo Guarino, Francesco Ceroni, Andrea Ambrogetti, Letizia Michelacci*
- IGF – Istituto Gestalt Firenze (IT) *Anna Ravenna, Vania Sessa, Michaela Palumbo, Betti De Stefano Silvestri, Silvia Polizzi Andreeff, Filippo Zaffini*
- Comune di Roma – Municipio X (IT): *Maria Mazzei, Alfredo Capuano*
- VISC Latvia (LV): *Inta Baranovska, Aina Spaca, Guntra Kaufmane, Livija Zeiberte, Kristine Ilgaza, Viktors Perfiljevs, Jolanta Deicmane, Ieva Margevica, Marta Spruge*
- CONSULTIS (PT): *António Silva Dias, Maria José Freitas*
- COGAM (ES): *Raül Garcia*
- ÇAVARIA - HOLEBIFEDERATIE (BE): *Katrien Vanleirberghe, Eva Dumon*

O Manual e os 9 Guias Temáticos foram editados por:

(lista por ordem alfabética dos Países Parceiros)

*Eva DUMON (BE)
Katrien VANLEIRBERGHE (BE)
Raül GARCIA (ES)
Alessandra ANTINORI (IT)
Alessandra BALIELO (IT)
Vincenza Zinetta CICERO (IT)
Gabriella de ANGELIS (IT)
Gianfranco GERACI (IT)
Fabrizio MARRAZZO (IT)
Federica PARAGONA (IT)
Anna RAVENNA (IT)
Vania SESSA (IT)
Inta BARANOVSKA (LV)
Guntra KAUFMANE (LV)
Ieva MARGEVICA (LV)
Aina SPACA (LV)
António SILVA DIAS (PT)
Maria José FREITAS (PT)*

Traduções Italiano-Inglês-Italiano.: *Valentina MAIOLINI and Susanna MARIOTTI*

Para mais informações, por favor contacte-nos:

Liceo Classico SOCRATE: rmpc180004@istruzione.it

CIRSES: ale.antinori@fastwebnet.it

ÍNDICE

PREFÁCIO	<i>pag.</i> 7
Introdução	<i>pag.</i> 8
1. O Projeto Eurialo	<i>pag.</i> 11
2. Os Parceiros Do Projeto	<i>pag.</i> 12
3. Os Destinatários Do Manual	<i>pag.</i> 14
4. Como Utilizar Este Manual	<i>pag.</i> 15
Os Guias Temáticos	<i>pag.</i> 15
As Histórias	<i>pag.</i> 15
“Introdução”	<i>pag.</i> 16
“A Ter Em Conta”	<i>pag.</i> 16
“Ferramentas” ...Na Educação	<i>pag.</i> 16
“Ferramentas”... No Aconselhamento	<i>pag.</i> 17
5. Fundamentos	<i>pag.</i> 18
Identidade e Orientação Sexual	<i>pag.</i> 18
O que é a Discriminação?	<i>pag.</i> 20
Orientação Sexual vs.	
Outras Causas de Discriminação	<i>pag.</i> 20
Como se processa a Discriminação?	<i>pag.</i> 21
Racismo	<i>pag.</i> 21
Homofobia e Homonegatividade	<i>pag.</i> 21
Heteronormatividade	<i>pag.</i> 22
Formas de Homofobia	<i>pag.</i> 23
Um Ciclo Vicioso que fortalece a Homofobia e o Racismo	<i>pag.</i> 23
Identidades Flexíveis em Ambientes Seguros	<i>pag.</i> 23
Como Combater a Discriminação	<i>pag.</i> 24
Objetivos Principais	<i>pag.</i> 24
Estratégias Gerais de Melhoria	<i>pag.</i> 24
Lidar com o Preconceito	<i>pag.</i> 25
Lidar com Comportamentos Negativos	<i>pag.</i> 25
Lidar com as Próprias Emoções	<i>pag.</i> 26
Lidar com Diferentes Grupos	<i>pag.</i> 26
Lidar com Diferenças Culturais	<i>pag.</i> 26
Recomendações para o Diálogo Intercultural	<i>pag.</i> 27
Estratégias para lidar com Heterossexismo e Homofobia na Escola e nos Jovens em geral	<i>pag.</i> 27

Apêndices

1.	Glossário	pag.	28
	<i>Símbolos LGBT</i>	pag.	34
2.	Contactos	pag.	35
3.	Sítios na Internet	pag.	39
4.	Bibliografia	pag.	42
5.	Direitos dos Lgbt	pag.	55
6.	Filmes	pag.	59
7.	Canções	pag.	63

Anexos

The Rainbow Map, maio 2011

(Mapa da Situação Legal dos LGBT na Europa)

GUIASTEMÁTICOS

1. Assunção da Homossexualidade e Identidades
2. Relacionamentos Gays e Lésbicos
3. Diferentes Estilos de Vida e Estereótipos
4. Aspetos Psicológicos e Relativos à Saúde
5. Apoiar Adolescentes Lgbt e Combater o Bullying Homofóbico
6. Sexualidades
7. A Comunidade Lgbt
8. História e Cultura
9. Religiões

PREFÁCIO

Uma Escola Secundária como coordenadora de um projeto contra a homofobia e a discriminação – será raro? Talvez, mas certamente não desapropriado. Como é do conhecimento de todos, na adolescência – enquanto construímos a nossa identidade – vemos o grupo de pares como uma espécie de “espelho” e preocupamo-nos com a opinião dos adultos que nos devem conduzir ao longo da nossa viagem de autoconhecimento.

No entanto, tanto professores como professoras, não intencionalmente na maioria das vezes, revelam comportamentos e formulam julgamentos, corroborando estereótipos de género e de papel social, arriscando desta forma afetar profundamente rapazes e raparigas, melindrando-os e exponenciando os sentimentos de inadequação típicos da adolescência.

A nossa escola secundária dedica-se às Humanidades (Liceo Classico). Por este motivo – pode dizer-se que devido à natureza dos nossos estudos, já que colocamos o foco na literatura e civilizações dos clássicos gregos e latinos -, lidamos constantemente com as temáticas dos estrangeiros e dos costumes sexuais, identificando igualmente as diferenças e semelhanças com as atitudes e opiniões contemporâneas dominantes. No entanto, isto não significa que os nossos professores estejam mais conscientes das temáticas supramencionadas ou que consigam lidar melhor com estes tópicos. Esta é a razão pela qual o Liceo Socrate tem estado, desde há muitos anos, envolvido em projetos e atividades que contribuem para auxiliar, em primeiro lugar, os professores e depois os alunos a identificar e a realçar as diferenças, considerando-as fatores de enriquecimento para qualquer comunidade.

As diferenças de género, étnicas, religiosas e culturais, assim com aquelas baseadas na orientação sexual e na “deficiência”, são como as peças coloridas de um mosaico, que estão dispostas de forma diferente em cada ser humano, tornando assim cada pessoa numa identidade única e irreproduzível. Uma identidade extremamente complexa, que pode evoluir durante a vida de cada indivíduo.

Por isso, decidimos disponibilizar a nossa experiência ao Projeto EURIALO e contribuir com o desenvolvimento de uma ferramenta que vá de encontro às necessidades de todos os elementos envolvidos numa experiência de educação/formação.

Muitas dificuldades, questões e dúvidas surgiram ao escrever cada linha e página do Manual e dos Guias Temáticos. Estas temáticas pressupõem uma linguagem e, especialmente na versão italiana, essa linguagem expressa o sexismo que tem vindo a ser estratificado ao longo dos séculos e que é muito dificilmente ajustado à consciência moderna. E isto torna-se ainda mais verdadeiro num texto como este, onde gostaríamos de colocar um fim à falta de visibilidade das mulheres, mas decidimos não forçar a situação e não tornar a linguagem demasiado pesada, abdicando assim em parte da nossa intenção inicial. O mesmo se aplica ao acrónimo LGBT, que mantivemos embora não seja totalmente convincente para nós porque, uma vez mais, cria categorias e, como todos sabemos, as categorias não são exaustivas e acabam sempre por ser discriminatórias.

Tentaremos fazer melhor de futuro, também neste aspeto.

Gabriella de Angelis

**Diretora do Liceo Classico SOCRATE
ROMA - ITÁLIA**

INTRODUÇÃO

Crossing Diversity é o resultado final do Projeto de Transferência de Inovação Leonardo da Vinci “EURIALO - LEarning and gUidance tools against discRImInAtion: respect for all different sexual chOices and cultural identities” (Ferramentas de Aprendizagem e Orientação contra a Discriminação: respeito por todas as diferentes escolhas sexuais e identidades culturais) e foi desenvolvido por todos os parceiros ao longo de dois anos de atividades, que se iniciaram em outubro de 2009 e concluíram em outubro de 2011.

Crossing Diversity consiste num Manual e 9 Guias Temáticos destinados a professores, psicólogos, conselheiros, assistentes sociais e técnicos de saúde. Estas ferramentas teórico-práticas têm como objetivo combater a discriminação baseada na orientação sexual e na etnia, com especial enfoque nos jovens dos 14 aos 20 anos.

Os 9 Guias Temáticos incidem sobre os seguintes tópicos:

1. Assunção da Homossexualidade e Identidades
2. Relacionamentos Gays e Lésbicos
3. Diferentes Estilos de Vida e Estereótipos
4. Aspectos Psicológicos e relativos à Saúde
5. Apoiar Adolescentes LGBT e combater o Bullying Homofóbico
6. Sexualidades
7. A Comunidade LGBT
8. História e Cultura
9. Religiões

Cumprir referir que, no entanto, o Manual e os Guias Temáticos não são produtos originais do projeto EURIALO. Os parceiros do EURIALO editaram, atualizaram e desenvolveram o Manual e os Guias Temáticos intitulados “Diferente em mais de uma maneira. Providenciar orientação para adolescentes na sua busca de Identidade, Sexualidade e Respeito”, oriundos do anterior projeto “TRIANGLE”, financiado pela União Europeia em 2002 através do Programa de Ação Comunitário de Combate à Discriminação “Sim à Diversidade, Não à Discriminação!” e promovido pelo Ministério das Mulheres, da Juventude e da Família de Nordrhein Westphalia (Alemanha).

Assim, os parceiros do Projeto EURIALO herdaram os resultados da experiência do TRIANGLE, e procederam à revisão do seu Manual e Guias Temáticos. A informação geral, as ferramentas e os materiais práticos foram desenvolvidos e, quando necessário, complementados, tendo em vista tornar os já abrangentes produtos originais mais efetivos no combate à discriminação que, atualmente, ainda afeta os jovens LGBT.

Como os autores de “Diferente em mais de uma maneira” já tinham referido – e isso pode ser inferido através dos estudos realizados em todos os Países Parceiros (incluindo Itália, Bélgica, Letónia, Portugal e Espanha) –, ainda hoje as pessoas homossexuais, bissexuais e transexuais, especialmente em alguns contextos específicos,

«enfrentam a discriminação regularmente. Muitos Europeus ainda consideram essa situação “natural” e consideram ter o “direito” de desprezar,

importunar ou ignorar os homossexuais. As sociedades europeias tomam ainda como certo que “todos” são heterossexuais, negando assim a existência de gays, lésbicas e bissexuais. Muita legislação nega ainda direitos iguais para heterossexuais e homossexuais. Atitudes e comportamentos negativos ainda estigmatizam gays, lésbicas e bissexuais na maior parte da Europa. Estas formas de discriminação afetam profundamente a vida destes indivíduos. Normalmente nem se atrevem a dar as mãos em público como fazem os heterossexuais. Em todas as situações sociais têm de tomar a decisão se admitem, declaram ou negam que são gays, lésbicas ou bissexuais. Qualquer decisão de assunção implica riscos, como ser ostracizado, perder o emprego, ser importunado ou intimidado ou até mesmo agredido fisicamente».

Daí que,

«Por um lado, a situação das lésbicas e dos gays está a melhorar devido a uma crescente consciencialização de muitos países e a medidas tomadas ao nível da Europa para combater a discriminação. Por outro lado, no entanto, alguns aspetos da situação estão a piorar. Os novos receios de terrorismo e fundamentalismo internacionais juntam-se aos já existentes sentimentos de xenofobia e rejeição em relação aos Muçulmanos. A imigração crescente na Europa levou à criação de sociedades cada vez mais interculturais, onde a integração dos novos povos e das novas ideias não é, por vezes, fácil. Existe tensão entre os cidadãos nascidos na Europa e os recém-chegados. As geralmente tolerantes atitudes dos Europeus face aos homossexuais, ainda relativamente recentes, não são sempre partilhadas pelos recém-chegados. Mais importante ainda, o número crescente de pessoas que defendem visões fundamentalistas do mundo tem grande dificuldade em aceitar aqueles que vivem abertamente a sua homossexualidade. Tanto os líderes Islâmicos como os Cristãos conservadores declaram regularmente que a homossexualidade é uma ameaça para a sociedade, e alguns jovens, que se identificam com este fundamentalismo, aproveitam-no como uma autorização para desrespeitar os homossexuais e mesmo para recorrer à violência. Algumas pessoas com sentimentos homossexuais sentem-se muito confortáveis nesta situação e vivem a experiência de pertencer a duas culturas diferentes como pessoalmente enriquecedora, apesar dos seus (não-ocidentais) antecedentes culturais. Outras pessoas LGBT não se sentem “em casa” quando inseridas na comunidade gay, lésbica e bissexual, nem se sentem seguras junto dos seus pares. Por este motivo, as sociedades interculturais europeias deverão enfrentar algumas situações difíceis relacionadas com a homossexualidade, os estilos de vida, religião e cultura¹».

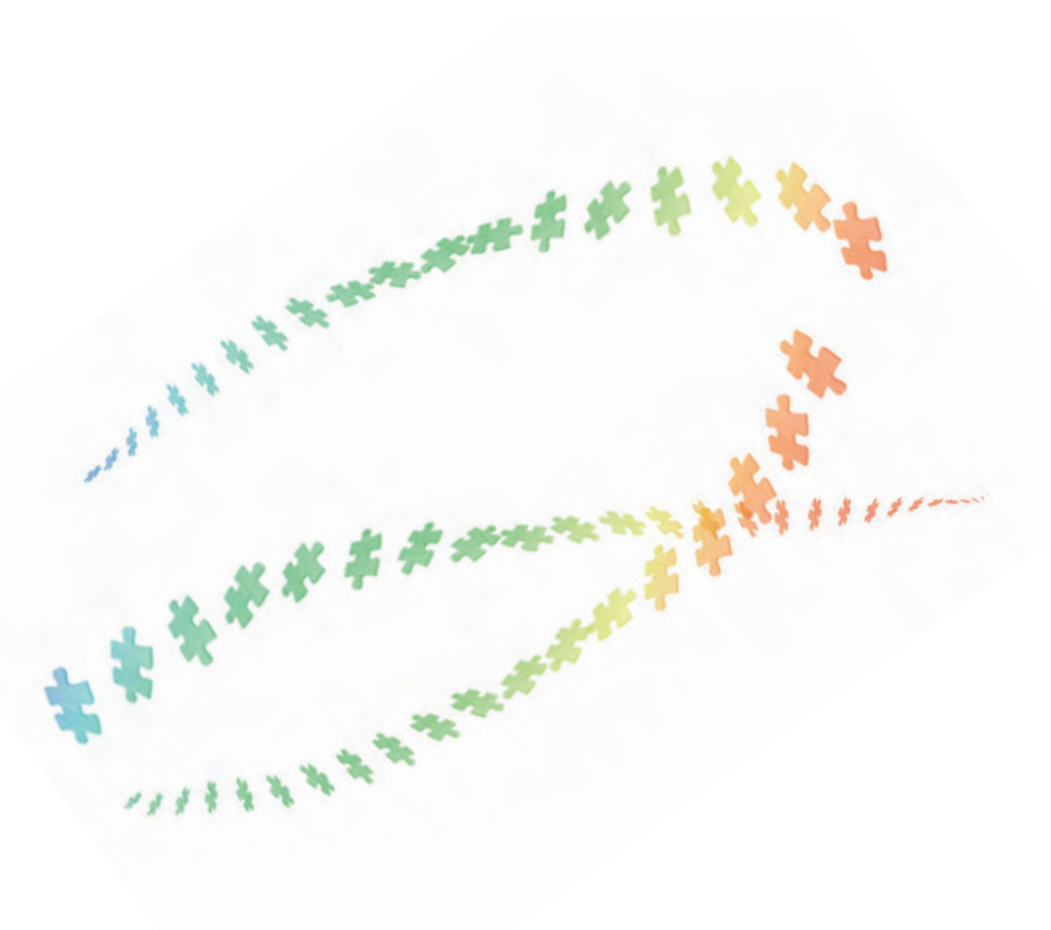
Neste quadro, Crossing Diversity pretende contribuir iniciando e difundindo a reflexão sobre aspetos relacionados com LGBT no âmbito dos Sistemas Educativo e de Formação Profissional, e da Orientação, através do incremento das capacidades de professores, psicoterapeutas, conselheiros e assistentes sociais, tendo em vista ajudá-los a apoiar os jovens LGBT que estão em risco de serem marginalizados devido à sua orientação sexual. De facto, como se pode constatar nos numerosos estudos europeus acerca das condições de vida dos jovens, os adolescentes na transição da escola para o mundo do trabalho e da dependência para a independência podem ser extremamente vulneráveis, e as suas relações com a hipercomplexidade do mundo, desde os sistemas educativo e de formação aos relevantes desafios profissionais, podem sufocar as suas identidades sexuais e culturais.

Assim sendo, desenvolver e melhorar um manual, com o objetivo de ajudar, afigura-se-nos uma atividade muito inovadora, desempenhando um papel direto e significativo no crescimento de rapazes e raparigas na luta contra a discriminação baseada na orientação sexual e na etnia – e, de

¹ “Different in More Ways Than One. Providing Guidance for Teenagers on Their Way to Identity, Sexuality and Respect” - Ministério das Mulheres, da Juventude e da Família de Nordrhein Westphalia (Alemanha), Düsseldorf, agosto 2004.

uma forma mais geral “cruzar e fazer corresponder a diversidade”, seja ela diversidade de género, sexo ou cultural. Na realidade, pelo menos em Itália – o país que promoveu o desenvolvimento da Boa Prática original “Diferente em mais de uma maneira” –, não existem ferramentas pedagógicas focalizadas em assuntos LGBT mais orientadas e abrangentes que estas, especialmente entre os projetos financiados pelo Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida Leonardo da Vinci.

Em conformidade com as orientações do Quadro Estratégico para a Cooperação Europeia em matéria de Educação e Formação até 2020 (ET 2020), esperamos que Crossing Diversity contribua para “melhorar os sistemas educativo e de formação” e atingir os objetivos estratégicos, que consistem na “promoção de igualdade, coesão social... providenciar os meios para que todos os cidadãos se apercebam dos seus potenciais, assim como assegurar prosperidade económica e empregabilidade sustentáveis, cidadania ativa e diálogo intercultural”².



² http://europa.eu/legislation_summaries/education_training_youth/general_framework/ef0016_it.htm

O PROJETO EURIALO

Partindo das Boas Práticas concretizadas no anterior Projeto TRIANGLE, o Manual e os 9 Guias Temáticos disponíveis para professores, psicólogos, conselheiros e assistentes sociais que trabalham com jovens, o Projeto EURIALO pretende atualizar e ajustar os conteúdos dessas Boas Práticas, com o enfoque nas necessidades dos professores, formadores, psicólogos e conselheiros a trabalhar em escolas secundárias (com rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos), ou em serviços sociais/de prestação de cuidados de saúde (por exemplo, centros de aconselhamento familiar).

O Projeto pretende transferir o produto atualizado e adaptado a um número significativo de organizações que possam estar interessadas em testar, no terreno, as Boas Práticas.

Por essa razão, a parceria nacional e internacional dirige-se a diversos grupos-alvo, já que o Projeto prevê experiências-piloto, experimentação e validação – com um grupo de beneficiários “intermédios” – de ferramentas e metodologias ativas, com o objetivo de aumentar a consciência da diversidade, e de disseminar os resultados nos sistemas relevantes (sistemas educativo, de formação e de orientação, serviços de apoio à juventude em escolas secundárias), a médio e longo prazo, para atingir os beneficiários finais.

Assim, o Projeto tem:

- um grupo-alvo “direto” – que inclui professores de escolas secundárias, psicólogos, conselheiros / assistentes sociais a trabalhar com jovens;
- um grupo de “beneficiários finais”, que são indiretamente visados pelo Manual e ferramentas, composto por estudantes e jovens adultos.

Os resultados esperados do Projeto EURIALO são o desenvolvimento e a elaboração de uma versão revista do Manual, incluindo diretrizes, ferramentas e metodologias, com o objetivo de:

- dotar as várias categorias de utilizadores de capacidades potenciadoras da consciência da diversidade e oferecer-lhes métodos de formação nesse campo;
- melhorar e aumentar a consciência da diversidade nos jovens e jovens adultos (rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos).

A adaptação do Manual (e das respetivas ferramentas) consistirá em:

- atualizar os seus conteúdos baseando-se nas novas necessidades identificadas;
- atualizar e ajustar as metodologias e ferramentas, em função dos grupos-alvo identificados, das características e necessidades dos beneficiários finais;
- traduzir o protótipo nas línguas dos novos Parceiros envolvidos;
- atualizar em termos tecnológicos, transferindo o Manual e os Guias Temáticos para um CD-ROM multimédia.

O Projeto EURIALO teve uma duração de 25 meses: desde 1 de outubro de 2009 a 31 de outubro de 2011.

OS PARCEIROS DO PROJETO

IT - Parceiro Promotor

LICEO CLASSICO STATALE “SOCRATE”

A missão desta escola secundária é providenciar educação integrada a estudantes, considerando-os como alunos e cidadãos, dotando-os de conteúdos e ferramentas que lhes permitam desenvolver um método geral de conhecimento crítico. Isto, tornando-os também conscientes da realidade do indivíduo visto como um ator, parte de uma rede de relações e regras que garantem o desenvolvimento disciplinado da sociedade.

Em particular, as atividades de ensino-aprendizagem são sempre aplicadas segundo o quadro da promoção da regra da lei, igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, respeito pela diferença de opinião, diferenças culturais e religiões e, deste modo, em conformidade com a Carta dos Estudantes do Ensino Secundário ("Statuto delle Studentesse e degli Studenti della Scuola Superiore" – Decreto Presidencial n° 249/98).

Uma característica do "Liceo Classico" italiano é o foco nas humanidades, que são o núcleo do ensino. Isto não significa que estas escolas se devem restringir à adoração de um passado estéril. Pelo contrário, deverão utilizar métodos e valores do passado permitindo a vivência no presente e estando mais conscientes de si próprias e dos outros. Na verdade, ao adotar uma ideia abrangente de humanismo, a escola é conduzida a alargar o seu âmbito temático, e o seu currículo inclui igualmente – para além das humanidades, história e filosofia – disciplinas científicas, que são cruciais em qualquer educação. De facto, como as escolas secundárias públicas têm alguma liberdade para complementar ou modificar ligeiramente os currículos impostos pelo Governo, o Liceo Socrate decidiu colocar um foco adicional nas disciplinas científicas dentro dos limites da referida “liberdade”.

www.liceosocrate.org

IT - Parceiro Coordenador

CIRSES - Centro di Iniziative e di Ricerca sul Sistema Educativo e Scientifico

CIRSES, Centro di Iniziative e di Ricerca sul Sistema Educativo e Scientifico, (“Centro de Iniciativa e Pesquisa sobre o Sistema Educativo e Científico”) foi criado em 1980. A sua missão consiste em estudar os sistemas Educativo e de Formação Profissional de Itália e da Europa. No centro trabalham investigadores seniores e jovens, especialistas em sistemas educativos e tópicos relacionados com a igualdade de oportunidades. O CIRSES implementou numerosos estudos de pesquisa e prestou serviços de consultadoria à Divisão de Intercâmbio Cultural do Ministério da Educação Italiano, ao Centro Nacional de Pesquisa (CNR), à Comissão Europeia, ENEA, ISFOL, FORMEZ, e aos governos regionais de Basilicata, Calabria, Emilia Romagna e Lazio. Desde meados dos anos 90, tem participado, como parceiro ou promotor, em vários projetos da UE, no âmbito dos programas Socrates e Leonardo da Vinci. Nos últimos cinco anos, realizou estudos de viabilidade sobre integração intercultural, centrados em grupos de imigrantes da Europa de Leste, assim como estudos sobre estereótipos sexistas nos manuais das escolas secundárias.

www.cirses.it

IT - Governo Municipal de Roma - Município X

(Distrito Administrativo n. 10)

O Governo Municipal de Roma – Distrito Administrativo n°10 é uma das autoridades públicas locais que trabalha para a melhoria das relações entre cidadãos e o governo central da cidade. Este Distrito Administrativo cobre uma área com 180.000 habitantes, a quem são providenciados variados serviços, particularmente nos campos da educação de crianças e adolescentes e das políticas de imigração, com um especial enfoque na integração social de imigrantes. As diversas unidades administrativas podem organizar eventos culturais e recreativos nos seus territórios.

Para ir ao encontro das necessidades locais, o Município implementa várias iniciativas tendo como público-alvo rapazes e raparigas, incluindo atividades culturais e recreativas (ludotecas, itinerários culturais), patrocinando atividades (centros de apoio a pré-adolescentes, centros de apoio a toxicodependentes, unidades de apoio social, etc.).

<http://comune.roma.it>

IT - ARCIGAY ROMA

ARCIGAY ROMA, Grupo ORA, é uma organização voluntária e a agência local da Associação Nacional ARCIGAY. Trabalha em conjunto com a central sindical CGIL de Roma e Lazio – através da sua Unidade de Novos Direitos.

A associação providencia um extenso leque de serviços gratuitos à comunidade LGBT de Roma e Lazio, incluindo: Sos Omofobia, cuja missão é combater a homofobia através de:

- a) Uma linha verde nacional anti-homofobia, que funciona como linha de apoio à comunidade LGBT;
- b) Cursos de formação contra a homofobia, tendo como destinatários escolas, agentes policiais e outros funcionários públicos.

Progetto Scuola, isto é, um projeto que organiza encontros de estudantes com idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos, e todos os professores e formadores de Roma e da sua Província.

Atividades relacionadas com a imigração.

www.arcigayroma.it

IT - ISTITUTO GESTALT FIRENZE - IGF

O Istituto Gestalt Firenze (“Istituto Gestalt de Florença”) foi criado em Florença em 1988 pelo Prof. G. Paolo Quattrini, que é agora o Diretor Científico do Instituto, enquanto Anna R.

Ravenna é responsável pelo domínio educativo. O IGF possui três escolas localizadas em Florença, Roma e Leghorn, respetivamente, onde são implementados programas de investigação, assim como atividades clínicas e de formação relacionadas com o processo evolutivo dos indivíduos, grupos e comunidades.

O Instituto é Membro Fundador de:

FISIG - Federazione Italiana Scuole e Istituti Gestalt

FelG - Federazione Italiana Gestalt ad orientamento fenomenologico- esistenziale

CNCP - Coordinamento Nazionale Counsellor Professionisti

AICo - Associazione Italiana Counselling

Para além disso, o IGF organiza várias atividades, incluindo a Pós-graduação em Psicoterapia Gestalt, com a duração de 4 anos, oficialmente reconhecida pelo Ministério da Universidade e da Investigação Científica através do Decreto Ministerial 16/11/2000 para a escola de Florença, Decreto Ministerial 7/12/2001 para a escola de Roma, e Decreto Ministerial 16/11/2006 para a escola de Leghorn; Formação no Ensino da Terapia Gestalt; Formação em Supervisão Clínica; Formação em Aconselhamento Gestalt; cursos de formação temáticos; cursos de formação para alunos e professores estrangeiros.

Com o passar do tempo, o IGF tem assinado vários acordos nos setores social e da saúde, incluindo um com o Hospital S.Camillo-Forlanini em Roma que, em 1992, levou à abertura do Centro para a Adaptação da Identidade Física e Psíquica (SAIFIP), um serviço de aconselhamento direcionado para pessoas que pretendem “retificar a atribuição do seu sexo”. Alguns professores da escola de pós-graduação trabalham neste serviço.

www.igf-gestalt.it

LV - ISEC - Centro para o Desenvolvimento Curricular e Exames do Ministério de Educação e Ciência da Letónia (VISC - Valsts izglītības satura centrs)

O Centro para o Desenvolvimento Curricular e Exames (ISEC, que passou a designar-se VISC no ano transato), é uma organização governamental sob a tutela do Ministério da Educação e Ciência da República da Letónia. O ISEC foi fundado em 1994 e conta com mais de 70 profissionais especializados. As suas atividades principais incluem:

- Contribuir para a formação e desenvolvimento profissional de professores; desenvolver projetos, programas e métodos de formação; coordenar e providenciar apoio metodológico a projetos de formação na Letónia;
- Desenvolver referenciais de formação, programas de ensino-aprendizagem e programas-modelo, de modo a organizar o desenvolvimento, a aprovação e a melhoria do ensino obrigatório, e do ensino secundário em geral.
- Organizar e desenvolver o sistema de exames nacionais, e providenciar avaliação centralizada através de exames; cooperar com instituições nacionais, governamentais e não governamentais, assim como com instituições estrangeiras.

www.isec.gov.lv

PT - CONSULTIS - CONSULTORIA EMPRESARIAL, UNIPESSOAL, LDA

Consultis é uma sociedade comercial por quotas que opera nos domínios da consultoria empresarial, da investigação especializada e inovação, da orientação e da educação e formação profissional. No setor transversal da igualdade de oportunidades desenvolve formação inicial e contínua de formadores, professores e orientadores, assim como programas de formação e materiais pedagógicos.

Para desenvolver as referidas atividades, a Consultis trabalha junto das instituições de ensino e formação – incluindo escolas, centros de formação e universidades –, bem como das empresas e organizações setoriais, com as quais celebra acordos de parceria e cooperação. O projeto EURIALO beneficiará, naturalmente, desta rede de cooperação.

www.consultis.pt

ES - COGAM - Coletivo de Lesbianas, Gays, Transexuais y Bissexuais de Madrid

COGAM é a Associação que representa, desde 1986, a comunidade LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual) de Madrid. Entre os seus objetivos destacam-se:

- Defender os direitos humanos e, em particular, os direitos das pessoas LGBT;
- Trabalhar em prol da criação de uma sociedade que favoreça a inclusão e o respeito, promovendo a liberdade e a igualdade das pessoas, como indivíduos e como membros de grupos sociais;
- Promover a igualdade social e legal entre todas as pessoas, independentemente da orientação sexual, da identidade de género e dos relacionamentos sexuais;
- Trabalhar em prol da eliminação de comportamentos homofóbicos e transfóbicos;
- Trabalhar em prol da eliminação de todos os tipos de discriminação face às pessoas seropositivas, e promover o seu direito à saúde pública, aconselhamento psicológico e serviços sociais.

www.cogam.es

BE - ÇAVARIA (HOLEBIFEDERATIE)

Holebifederatie é uma organização que abrange cerca de 100 associações de pessoas homossexuais (LGBT), pais e parceiros de pessoas homossexuais em toda a área flamenga da Bélgica. Holebifederatie presta informação em questões jurídicas e outras questões inerentes à vida das pessoas através do sítio na Internet, das revistas, das brochuras, etc.

Para além disso, organiza eventos e iniciativas para a comunidade LGBT. Holebifederatie está envolvida em vários projetos na área da educação e da saúde, e opera uma linha de ajuda telefónica, designada “Holebifoon”, para todas as pessoas gays e lésbicas.

www.cavaria.be

OS DESTINATÁRIOS DO MANUAL

Este manual foi desenvolvido para ser utilizado como ferramenta no combate à discriminação, especialmente entre os jovens. Disponibiliza aconselhamento assim como uma variedade de métodos para sessões de formação e sensibilização. Pretende debruçar-se sobre a discriminação baseada na orientação sexual numa sociedade multicultural. A discriminação baseada na orientação sexual e na raça ou cultura partilham uma base similar – o receio do “outro” – isto é, tudo o que parece “estranho” e “anómalo”.

O manual dedica especial enfoque a situações de dupla discriminação, em que os indivíduos enfrentam a discriminação baseada na raça ou na origem étnica, assim como na preferência sexual.

Estudantes e jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos são os destinatários finais do manual. Consideramos assim importante informar educadores, professores e conselheiros que lidam com jovens em períodos cruciais (na escola, no sistema de saúde, etc.), para que possam reagir à xenofobia e à homofobia e lidar com estas situações de forma profissional.

Com o objetivo de desenvolver uma ferramenta que satisfaça as necessidades dos seus utilizadores diretos (nomeadamente professores, psicoterapeutas, conselheiros, assistentes sociais e profissionais de saúde), os Parceiros do EURIALO implementaram uma atividade de avaliação de necessidades, usando algumas ferramentas desenvolvidas no âmbito do anterior Projeto TRIANGLE. Desta forma, o grupo de trabalho principal do EURIALO reviu, editou e adaptou o questionário elaborado pela equipa de pesquisa do TRIANGLE. O questionário foi depois aplicado a grupos-alvo/utilizadores diretos em todos os Países Parceiros. Isto permitiu investigar os novos contextos selecionados para a transferência das Boas Práticas, assim como identificar o tipo de ferramentas requeridas pelos perfis profissionais que compõem os grupos-alvo do Projeto EURIALO para lutar contra a discriminação baseada na orientação sexual e na etnia.

A informação recolhida através dos questionários foi processada e partilhada pelos parceiros. Foi um dos principais pilares para a melhoria e atualização do Manual e dos 9 Guias Temáticos.

Na realidade, foi realizada posteriormente uma análise SWOT das Boas Práticas do “Diferente em mais de uma forma”, assim como organizadas Discussões de Grupo (“Focus Group”) envolvendo novamente grupos de professores, psicoterapeutas e conselheiros, com o objetivo de melhor identificar os pontos fortes e os pontos fracos das Boas Práticas a serem transferidas e compreender o que melhorar e alterar no Manual e nos Guias Temáticos.

O manual, que condensa o conhecimento e a experiência de muitos especialistas, é uma ferramenta que ajudará o grupo-alvo a captar os pontos cruciais envolvidos no receio do “outro”, e ajudá-lo-á a prevenir e a reagir à discriminação. Uma parte fundamental deste processo é, logicamente, que os jovens, assim como os adultos envolvidos, se disponibilizem a refletir acerca das suas próprias atitudes. Os conselhos e métodos incluídos neste Manual e Guias Temáticos dar-lhes-ão muitas oportunidades para o fazer.



COMO UTILIZAR ESTE MANUAL

Este Manual contém uma introdução, uma parte teórica e os anexos, incluindo uma bibliografia, listas de contactos, de sítios na Internet, canções e filmes, assim como um glossário. Nos Guias Temáticos podemos encontrar informação mais detalhada sobre certos tópicos relacionados com o tema da homossexualidade. Os vários capítulos estão divididos em secções especialmente direccionadas para professores/educadores ou conselheiros. Esta abordagem corresponde ao atual debate, no seio de educadores e conselheiros, sobre se os seus principais campos de ação são a educação escolar ou o bem-estar dos jovens. Estas duas profissões têm competências diferentes. Por exemplo, um conselheiro será, sem dúvida, mais competente em providenciar apoio individual a longo prazo, enquanto os professores/educadores parecem estar melhor preparados para apresentar o assunto ou problema em questão no contexto das normas e processos do grupo e lidar com isso através da discussão/trabalho educativo ativos. A abordagem do Manual reflete a distinção existente entre ensino e aconselhamento, mas permite sobrepor os dois contextos que, exceto nos métodos (individual/grupo), partilham o mesmo objetivo, nomeadamente permitindo à pessoa entrar em contacto com o seu mundo interior e emoções, com o objetivo de facilitar o processo de auto-consciência e consciência das relações que as pessoas mantêm com os outros.

Os Guias Temáticos

Cada capítulo do Manual é apresentado como se fosse um Guia. Este método pretende ajudar o leitor a melhor explorar um tema desconhecido (ou não muito familiar). Os capítulos do Manual são apresentados segundo uma ordem específica. Fica, no entanto, ao critério do leitor decidir por onde começar. Os utilizadores que leem o Manual sistematicamente do início ao fim notarão que alguma informação é repetida em vários capítulos, como se os Guias Temáticos tivessem sido concebidos para poderem ser utilizados individualmente.

As Histórias

As histórias desempenham um papel importante nas nossas vidas. Desde a primeira infância, todos gostamos de histórias de contos de fadas. Nas peças de teatro, nos filmes, na imprensa cor-de-rosa... quase em toda a parte, são contadas histórias da vida de diferentes pessoas, da sua sorte e infortúnio. Talvez todos gostemos de histórias porque elas nos tocam de uma forma muito pessoal e íntima. As crianças ficam subitamente em silêncio e interessadas quando o professor começa a contar uma história. Intuitivamente, ao que parece, elas esperam ouvir as respostas às suas questões essenciais como de onde venho? Para onde vou? E o que é suposto eu fazer? Ouvir histórias estimula a nossa imaginação. Por vezes, sofremos com os protagonistas como se experienciássemos pessoalmente os seus sentimentos.

Os autores do Manual pretenderam utilizar este efeito empático das histórias para auxiliar os leitores a envolverem-se mais profundamente com os tópicos abordados. A discriminação não é apenas uma palavra, mas sim uma experiência diária para muitas pessoas. Por vezes, não conseguimos imaginar o que as pessoas estão a experienciar, o que sentem ou com que sonham. No entanto, isto já não acontece se acompanharmos outras pessoas e olharmos o mundo através dos seus olhos. Sentimos o que elas sentem e podemos mais facilmente compreender os seus problemas. Um dos resultados de utilizar histórias e identificarmo-nos pessoalmente com elas poderá ser o de nos tornarmos mais empenhados para apoiar aqueles que são vítimas de discriminação e também apoiar a sua busca por respeito e igualdade. Esta é a intenção das histórias apresentadas neste Manual.

Se é professor, educador ou conselheiro, poderá utilizar algumas destas histórias como ponto de partida para a discussão sobre diferentes formas de discriminação e os seus efeitos nas pessoas. É a forma mais fácil de abordar (direta ou indiretamente) os medos mais recônditos de alguém, que pode ser a razão

pela qual esse alguém discrimina os outros. Combater a discriminação não consiste unicamente em sentir simpatia pelos mais desfavorecidos. Significa igualmente lidar com os próprios receios de ser diferente do que as normas sociais prescrevem, de ser excluído ou magoado. Esta não é uma tarefa fácil. E, por vezes, conseguimos aprender como reconhecer e mostrar respeito pelas diferenças dos outros!

“Introdução”

Nas secções “Introdução”, o leitor adquire informação básica relacionada com o tema principal desse capítulo. Para além disso, são analisados os problemas com os quais podemos ser confrontados quando abordamos um determinado tópico em contexto escolar e de aconselhamento.

Os subparágrafos pretendem ampliar a abordagem do leitor, apresentando diferentes formas de lidar com os problemas relacionados com o tópico em referência. O Manual apresenta uma variedade de estratégias que poderão ser utilizadas pelo leitor na sua vida profissional (e talvez também privada).

“A ter em conta”

Educar e/ou aconselhar no âmbito de um tema específico depende fortemente das visões, experiências e valores pessoais de um indivíduo em relação a esse tema. Por essa razão, será útil para si, enquanto Profissional, rever as suas próprias opiniões e valores antes de se dirigir ao grupo-alvo. Para além da forma profissional de lidar com o tema, as suas opiniões pessoais também têm uma influência significativa nas recomendações finais que faça e no modo como as apresenta como possíveis soluções ou conselhos. Estar consciente da sua atitude pessoal face aos relacionamentos, religião, sexualidade, estilos de vida, cultura, etc., e como os seus pontos de vista têm evoluído, é vital para respeitar as atitudes e experiências de alunos ou outras pessoas. As questões propostas na secção “A ter em Conta” deverão ajudá-lo/a a explorar os seus próprios pontos de vista.

No entanto, deverá ter atenção em não projetar as suas experiências nos outros. Lidar com problemas ou experiências dos outros pode despertar memórias dos seus próprios sentimentos em situações semelhantes. Essas memórias podem influenciar o ensino ou aconselhamento de uma forma camuflada, mas marcante.

“Ferramentas...”

... na Educação

Os exercícios são muito importantes na prática educativa. Este Manual inclui alguns exercícios como fonte de inspiração para o trabalho profissional diário. Cada exercício é apresentado de acordo com um modelo padrão. Primeiro, o “Objetivo” do método é apresentado de forma breve e simples. Em seguida, o “Método” é descrito – neste momento, pode compreender-se como o exercício pode ser aplicado. Finalmente, é disponibilizado um comentário “Note bem”. Esta secção pretende chamar a atenção do leitor para aspetos cruciais de uma ferramenta específica ou para elementos complexos aos quais deverá estar atento enquanto aplica o exercício.

Antes de utilizar as ferramentas deste Manual, gostaríamos de alertar para os seguintes aspetos:

- Não dedique uma só sessão a um tema extremamente pessoal como a orientação sexual, mas tente antes prolongar a discussão por várias sessões. Os jovens necessitam de tempo para assimilar informação nova e deve ser-lhes dada a oportunidade de colocar questões durante a sessão seguinte. Poderá querer trabalhar em conjunto com colegas no desenvolvimento de uma série de sessões acerca do amor e da sexualidade. Tente igualmente incluir e não separar o tópico da homossexualidade do da (hetero)sexualidade. Se falar acerca de amor e de relacionamentos em geral, poderá também mencionar exemplos de amor dentro do mesmo sexo.
- Trabalhe a partir das experiências diretas dos adolescentes com imigrantes

ou pessoas LGBT. O que sabem eles sobre estes tópicos? Quais são as suas experiências com imigrantes e/ou pessoas LGBT nas suas famílias/nos meios circundantes?

- Não subestime o conhecimento das crianças ou adolescentes. Mesmo os mais novos podem ter acesso ilimitado à TV, filmes e Internet e estão expostos aos estereótipos aí veiculados. As crianças constroem mitos para explicar a elas próprias as lacunas no seu conhecimento. Como resultado, o conhecimento das “diferenças” é incompleto. Tente ajudá-las a ordenar o seu conhecimento fragmentário e faculte-lhes informação nova e equilibrada. Preconceitos inocentes, como a crença que alguém se pode tornar gay ou lésbica apenas através da masturbação mútua ou porque tocou em alguém do mesmo sexo, são ainda fortes e podem causar medos irracionais e intensos.
- Considere a possibilidade de convidar pessoas gays e/ou lésbicas para tomarem parte da discussão como especialistas. Em alguns países, projetos de voluntariado (de pares) são implementados para educar estudantes nos tópicos dos estilos de vida e dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. As moradas de contacto podem ser consultadas em anexo.

“Ferramentas ...”

... no Aconselhamento

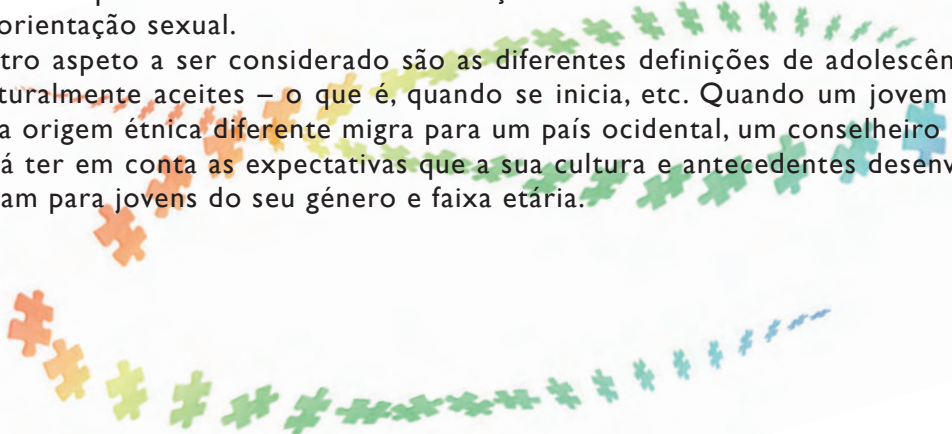
Nesta secção, propomos algumas sugestões para auxiliar os leitores a lidar com e a responder a algumas questões específicas que imigrantes ou pessoas LGBT poderão colocar. Embora existam muitas escolas de pensamento diferentes e abordagens de aconselhamento diversas, um elemento comum é a importância da relação entre o conselheiro e o cliente. Para existir uma relação efetiva, livre de preconceito pessoal, o conselheiro deverá dedicar algum tempo a refletir acerca das suas próprias opiniões sobre a homossexualidade.

Deverá colocar questões a si próprio para se tornar consciente dos seus pontos de vista, e não transmitir às pessoas mensagens negativas, principalmente através do comportamento não verbal.

Preconceito e estereótipos podem ser difíceis de reconhecer, mesmo em contextos onde a homossexualidade já não é vista como uma doença ou um comportamento desviante. Como conselheiro, deverá estar consciente dos aspetos que se seguem (esta não é, de forma alguma, uma lista exaustiva):

- não atribua automaticamente os problemas de uma pessoa à sua orientação sexual;
- reconheça que as desordens emocionais de uma pessoa podem ser influenciadas pela sua própria homofobia interiorizada;
- esteja consciente das consequências que se podem verificar quando uma pessoa LGBT revela aos outros a sua orientação sexual, incluindo pais, empregadores, etc.;
- esteja consciente dos efeitos do preconceito e da discriminação no quotidiano dos imigrantes e das pessoas LGBT;
- reconheça os possíveis efeitos das múltiplas formas de estigma social suportado por lésbicas, bissexuais e gays oriundos de minorias étnicas. Estes indivíduos poderão enfrentar discriminação baseada na etnia assim como na orientação sexual.

Outro aspeto a ser considerado são as diferentes definições de adolescência culturalmente aceites – o que é, quando se inicia, etc. Quando um jovem de uma origem étnica diferente migra para um país ocidental, um conselheiro deverá ter em conta as expectativas que a sua cultura e antecedentes desenvolveram para jovens do seu género e faixa etária.



Identidade e Orientação Sexual

Os traços e comportamentos sexuais têm diferentes significados nas diversas culturas e nações do Mundo.

A sexualidade é um aspeto essencial e complexo na vida de uma pessoa, no que se refere ao crescimento do indivíduo e envolve toda a sua vida relacional. De facto, para além de ser fonte de prazer para o parceiro, permite experimentar a “intimidade” com o outro, o que nos dá acesso a um tipo de comunicação especial e plena.

Para além disso, desempenha um importante papel na construção da nossa personalidade, já que, ao experienciar a sexualidade, a identidade de género é confirmada reciprocamente. É também crucial para a evolução social do indivíduo, porque envolve afetividade, emoções e relações. Por fim, pode enriquecer as nossas vidas a vários níveis e é um importante fator para a reprodução. Por exemplo, uma relação sexual pode resultar na conceção de uma criança ou pode levar a outras formas de criação (por exemplo, uma casa, um livro ou outro projeto em comum). Estas quatro funções da sexualidade podem ser identificadas em relacionamentos entre duas mulheres, dois homens ou um homem e uma mulher.

A par da idade, origem étnica e estatuto social, o género e a sexualidade são parte de uma grande variedade de aspetos que compõem a identidade de uma pessoa. A identidade sexual faz parte do entendimento básico que a pessoa tem de si própria como um ser sexual – como ele/ela se vê a si próprio/a e como quer que os outros o/a vejam.

O pensamento fenomenológico existencial considera a identidade uma interseção contingente do mundo interior com o exterior; isto é, uma forma fluida que varia ao longo do tempo, dependendo das necessidades e dos recursos.

A pessoa é vista num presente imersa na corrente do tempo, isto é, vinda do passado e orientada para o futuro, onde a corrente é guiada por micro e macro escolhas, que são feitas constantemente pelo organismo.

Assim, refletir acerca da identidade não nos leva a qualquer verdade absoluta, a qualquer modo de ser imutável ao longo do tempo. Mas mostra-nos uma realidade narrativa, isto é, como uma pessoa fala de si própria aos outros, aqui e agora. Nesta perspetiva, a identidade pode ser vista como a biografia da pessoa, e a biografia varia de cada vez que é narrada ainda que o narrador seja sempre o mesmo.

A identidade sexual – considerada sob uma perspetiva bio-psico-social – é um construto multidimensional, que consiste em quatro componentes, incluindo:

- a) Sexo biológico
- b) Identidade de género
- c) Papel de género ou papel sexual
- d) Orientação sexual

O sexo biológico é determinado pelos cromossomas do sexo e define se uma pessoa é homem ou mulher. Em um ou dois de 2000 nascimentos, o sexo biológico da pessoa não pode ser claramente definido à nascença. Nesses casos, falamos de “intersexualidade”. A identidade de género refere-se à convicção interior da pessoa de pertencer ao género masculino ou feminino. Esta identificação primária ocorre e é definida durante os primeiros anos de vida. Este processo, através do qual cada um se apercebe que é mulher ou homem, é influenciado tanto por questões biológicas como por “aprendizagem” social.

Uma pessoa pode também ver-se como pertencendo aos dois géneros simultaneamente.

Por exemplo, algumas pessoas definidas como transgéneras não se consideram parte de qualquer sexo. Não devem ser confundidas com pessoas transexuais, que sentem que os seus corpos não têm o género correto, mas sentem-se livres para mudar de atitudes e comportamentos, que as suas culturas atribuem a ho-

mens, para comportamentos e atitudes atribuídos a mulheres. A transexualidade é uma condição diferente, na qual uma pessoa sente que nasceu no “corpo errado” e, por vezes, estas pessoas submetem-se a cirurgias que lhes permitem ajustar, tanto quanto possível, os aspetos anatómicos à identidade de género. O papel de género é o conjunto de expectativas de uma dada cultura face aos comportamentos masculinos e femininos. Desta forma, cada comportamento é tipificado em termos de género (o que é “masculino” e o que é “feminino”), e culturas e sociedade definem os critérios apropriados que uma pessoa deve apresentar (o modo como se comporta, o estilo de cabelo, etc.), a linguagem corporal e os comportamentos.

As experiências passadas de uma pessoa revelando atitudes e comportamentos que não se adequam aos estereótipos, podem variar dependendo da sua cultura e sociedade. O ajuste ao papel de género normalmente ocorre entre os três e os sete anos de idade.

A discriminação contra mulheres refere-se quase sempre à identidade de género, e não tanto à identidade sexual.

A orientação sexual é definida como a atração sexual, emocional e sentimental de uma pessoa por outra e pode ser direcionada a mulheres, homens ou a ambos os sexos. Como se pode constatar, a própria definição inclui dois aspetos, nomeadamente o afetivo e o erótico, que, por vezes, podem não ser compatíveis. De facto, uma pessoa pode apaixonar-se por pessoas do mesmo género mas, ao mesmo tempo, sentir-se mais atraída eroticamente por pessoas do género oposto.

Como já foi anteriormente explicado quando se abordou o conceito de identidade, os conceitos supracitados não são estáticos, já que podem evoluir e mudar ao longo da história e de acordo com as culturas, dependendo do modo como os significados relacionados com a sexualidade estão “organizados” em tempos e contextos diferentes. Por exemplo, em todos os momentos da história existiram mulheres que se apaixonaram por mulheres e tiveram com elas relações sexuais, e homens que se apaixonaram por homens e tiveram com eles relações sexuais. Mas não se identificaram necessariamente como “lésbicas” ou “gays”, porque estes conceitos são relativamente novos.

Classificar pessoas de acordo com os seus parceiros sexuais em hetero-, homo- e bissexuais é uma circunstância cultural, também influenciada por aspetos históricos e sociais. Nesta perspetiva, torna-se difícil definir exatamente quem é hetero-, homo- ou bissexual. Se uma mulher casar com um homem depois de ter mantido uma relação de 12 anos com uma mulher, será que ela se tornou subitamente heterossexual? Deverá um homem que regularmente se envolveu em masturbação mútua com um amigo na adolescência declarar-se bissexual? A sexualidade é mais do que “apenas” relações sexuais ou ter um orgasmo. O desejo humano é muito complexo: cada pessoa tem as suas próprias ideias acerca de amor e sexo (que estão fortemente ligadas ao nosso contexto cultural e à nossa educação). As fantasias sexuais podem ser significativamente diferentes das atividades sexuais reais, da opinião pessoal de cada um acerca dessas atividades e até que ponto se identifica com elas. O que é considerado pela sociedade como “hetero”, “bi”, “lésbica” e “gay” varia de um indivíduo para o outro e, em princípio, não pode ser normalizado.

A dicotomia “homo-/heterossexualidade” data da década de 1860, e foi parcialmente utilizada para justificar a razão pela qual o comportamento sexual com o mesmo sexo não era considerado tão positivo como o sexo com um parceiro do sexo oposto.

O facto de existir uma palavra a marcar a diferença no comportamento sexual também tornou possível estabelecer a norma da heterossexualidade, que pôde então desenvolver um impacto mais significativo no comportamento individual do que antes. O novo indivíduo, “o homossexual”, nasceu. Realçar tal “diversidade” tornou-se um expediente importante para exercer a forma de poder sobre o indivíduo, por exemplo condenando alguém devido ao seu comportamento sexual. Desde o final do século XIX, existiram, em diversos países ocidentais, vários movimentos de luta pela igualdade de direitos para pessoas lésbicas, bissexuais e gays. Hoje em dia, a forma como a homossexualidade é

valorizada em algumas culturas e sociedades modificou-se de um modo positivo. Em alguns países, as lésbicas e os gays gozam aproximadamente dos mesmos direitos que os heterossexuais, mas mesmo aí muitas pessoas ainda os discriminam socialmente (cf. *o Mapa Europa Arco-Íris de maio de 2011*).

Estudos recentes acerca da sexualidade sugerem que, embora a maioria das pessoas tenha pelo menos pensamentos ou fantasias eróticas com pessoas de ambos os sexos, só uma minoria se atreve a pôr em prática esses desejos. As culturas e sociedades ocidentais dos nossos dias forçam-nos a definirmo-nos como heterossexuais ou homossexuais e, neste contexto, a bissexualidade nem sempre é vista como uma categoria por si só. Uma razão para este facto é que muitas pessoas consideram extremamente difícil ter uma identidade “intermédia”. Outra razão é que os contactos homossexuais ainda são desprezados por muitas pessoas e, por esta razão, causam medo, especialmente entre os adolescentes que ainda não se sentem seguros com a sua própria orientação sexual. Tal como a identidade sexual, a identidade de género e a orientação sexual, a etnia é composta por um sem-número de aspetos. O entendimento atual da identidade do indivíduo não é a de uma entidade imutável desde a infância, mas sim a de um conceito biográfico inicial que pode modificar-se com o tempo, apesar de existirem aspetos que se mantêm inalterados. Construir uma identidade não é apenas uma conquista individual. Todos nós usamos exemplos e padrões sociais mais ou menos tradicionais para encontrar orientação e formar a identidade que nos convém. As identidades são como mosaicos, já que consistem em vários fatores.

Não é, por isso, possível falar de uma essência de, por exemplo, Belgas, Muçulmanos, trabalhadores ou lésbicas, porque o modo como uma pessoa age não é determinado por um único fator, mas sim por vários aspetos ao mesmo tempo. O conceito de “cultura” também já não é visto como um sistema estático, homogéneo, hermético e fechado, e também existem indicações que a orientação sexual é mais flexível do que muitos de nós possamos pensar.

O que é a Discriminação?

A homonegatividade – ou melhor, a negatividade interiorizada face a pessoas LGBT – pode levar à discriminação social e legal. A discriminação legal é o tratamento desigual de homossexuais e heterossexuais (como a não legitimação de casais do mesmo sexo) em acordos internacionais, em leis nacionais ou locais. A discriminação social refere-se ao tratamento desigual de pessoas por parte de instituições, empresas, meios de comunicação social ou outros indivíduos.

Orientação Sexual vs. Outras Causas de Discriminação

Por discriminação entendemos que uma pessoa ou um grupo de pessoas são tratados de forma diferenciada em relação a outras. As pessoas discriminadas carregam uma espécie de “estigma”. As pessoas que apresentam esta marca ou atributo são tratadas de forma diferente porque a sociedade considera que não são merecedoras dos mesmos direitos ou respeito que as outras. Estes “estigmas” são, por exemplo, o sexo, a origem étnica, a religião, a idade, a orientação sexual e a deficiência. A orientação sexual e a religião não são visíveis per se. Uma pessoa que se sente atraída por pessoas do mesmo sexo tem de o demonstrar para tornar visível o “estigma”. O que conduz a que os homossexuais possam evitar ser discriminados ao esconder os seus sentimentos. Isto torna a discriminação baseada na orientação sexual diferente de outras formas de discriminação, como a baseada na origem étnica que não pode ser sempre ocultada dos outros devido à cor da pele, à língua ou outras características.

Atitudes sociais negativas contra a homossexualidade visível resultam na ocultação da homossexualidade, especialmente no dia a dia. Muitas lésbicas, bissexuais e gays tentam evitar reações negativas ao comportar-se de acordo com as expectativas heterossexistas ou, por outras palavras, fazendo-se passar por heterossexuais. A isto se chama “passar por heterossexual”. Os heterossexuais mantêm silêncio relativamente à orientação sexual ou mantêm a discussão deste assunto como um completo tabu. As lésbicas e os gays normalmente não se atrevem a falar dos seus parceiros ou assumir abertamente os seus relacionamentos,

dando a mão em locais públicos, porque têm receio das reações negativas. Tais reações podem levar a consequências piores, como por exemplo a perda de emprego ou de um bom relacionamento com a família. Experimentar tal receio durante um longo período de tempo pode sobrecarregar ou mesmo ser fatal para uma relação.

Para além disso, estes e outros receios semelhantes causam stress contínuo, o que pode prejudicar a saúde das pessoas envolvidas (*stress das minorias*, ver *Guia Temático 4*).

Tal como as lésbicas, os gays e os bissexuais, os imigrantes também têm de lutar contra o preconceito, porque, segundo o ponto de vista da maioria, eles não se ajustam às normas, convenções ou regras. O preconceito errado e excessivamente disseminado leva a pensar que as lésbicas e os gays são incapazes de manter relações a longo prazo, que são movidos pelo sexo e são incapazes de ter crianças a seu cargo. Os grupos étnicos são muitas vezes vistos como criminosos, ou apenas interessados nos benefícios disponibilizados pelas sociedades que os acolhem. Estes estereótipos podem ter consequências negativas para os elementos de ambos os grupos (minorias étnicas e comunidade homossexual), em termos laborais ou no relacionamento social com outras pessoas. Para aqueles que pertencem a minorias étnicas, as razões para a discriminação são maioritariamente relacionadas com a sua cultura (hábitos alimentares...) ou vestuário (lenço islâmico...). Relativamente às lésbicas e aos gays, as razões para a discriminação estão relacionadas com a não conformidade na escolha de parceiros. Os imigrantes que amam pessoas do mesmo sexo e/ou mantêm relações sexuais com essas pessoas sofrem frequentemente de múltipla discriminação. De facto, por um lado, muitos deles são visados pelo preconceito visto serem gays, lésbicas ou bissexuais, e, por outro lado, as suas famílias não apoiam as suas escolhas como deviam, porque consideram que a homossexualidade não é compatível com a sua tradição, cultura ou religião.

Como se processa a Discriminação?

Para responder a esta questão, é necessário explicar alguns conceitos e termos que são essenciais para compreender como funciona a discriminação. No entanto, este Manual incide sobre os aspetos psicossociais da discriminação.

Racismo

O racismo pode ser considerado como uma atitude psicológica e/ou política que – com o pressuposto da alegada superioridade de uma raça (mais frequentemente a caucasiana) sobre outras – favorece ou acarreta discriminação social e controla mecanismos de mobilidade social em favor da maioria. As teorias racistas incidem sobre algumas diferenças (como a cor da pele, etnia ou nacionalidade), justificam ideologicamente e impõem decisões implicando mudanças nas condições de vida das populações visadas.

A Declaração das Nações Unidas sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial afirma, muito claramente, que discriminar seres humanos com base na raça, cor ou origem étnica é uma ofensa à dignidade humana e deve ser condenada como violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamadas pela Declaração Universal dos Direitos do Homem.

É questionável, no entanto, se deveremos definir como racistas os membros de grupos minoritários que mostram hostilidade face aos membros de uma maioria, porque a sua atitude não implica as mesmas consequências em termos de obtenção de privilégios e poder.

Os próximos parágrafos mostrarão que os gays e as lésbicas estão numa relação/posição relativamente semelhante face à “cultura dominante”.

Homofobia e Homonegatividade

A homofobia é frequentemente definida como o receio, a aversão, a intolerância e o ódio em relação à homossexualidade e aos homossexuais. Investigadores definem-na como uma apreensão intensa e irracional porquanto não existem razões objetivas para temer lésbicas, gays ou os seus estilos de vida. Estes sentimentos preconceituosos alimentam mitos, estereótipos, discriminação e violência para com pessoas homossexuais ou bissexuais. Pessoas lésbicas, gays e bissexuais cresceram numa sociedade homofóbica; por isso, é normal que inte-

riorizem estes estereótipos negativos que têm um forte impacto na sua autoestima. A isto se chama “homofobia internalizada”.

Alguns críticos observaram que a palavra “homofobia” podia ser traiçoeira. Em primeiro lugar, as pessoas que sofrem de uma fobia em termos médicos (por exemplo, claustrofobia, agorafobia) tentam evitar as causas do seu medo. Na realidade, as pessoas homofóbicas preocupam-se desproporcionadamente com a homossexualidade, e tentam combatê-la. No entanto, não demonstram reações fisiológicas à homossexualidade típicas de outras fobias. Pelo contrário, os homófobos mostram-se por vezes excessivamente assustados pela homossexualidade e tentam combatê-la ativamente.

Em segundo lugar, a palavra homofobia implica considerar o preconceito anti-lésbico e antigay como uma entidade clínica, o que não é, de todo, o caso (e o mesmo se aplica ao racismo). A homofobia é sim um fenómeno social enraizado em ideologias culturais e relações intergrupais.

Visto que a discriminação de pessoas lésbicas, gays e bissexuais não assume a forma clínica de uma “fobia”, hoje em dia os cientistas sociais preferem frequentemente utilizar as expressões “homonegatividade” ou “preconceito sexual”, que se referem a toda a variedade de sentimentos, atitudes e comportamentos negativos face aos homossexuais que são culturalmente transmitidos de geração em geração. No entanto, a maioria dos não cientistas, como professores e conselheiros, ainda preferem a palavra “homofobia” e usam-na como sinónimo de “homonegatividade”. Neste Manual, usaremos a palavra “homofobia” com o mesmo significado.

Heteronormatividade

Este parágrafo versa sobre valores e normas; os dois são distinguíveis analiticamente, mas de facto formam um quadro emaranhado de ideias sobre o modo como as pessoas se devem comportar. No que respeita aos “sentimentos sexuais”, a maioria das pessoas espera que todos sejam heterossexuais. No que respeita ao “género”, a maioria das pessoas espera que todos sejam ou “homem” ou “mulher”. Padrões de comportamento e papel de género suscitam dúvidas, geram com frequência insegurança, e podem conduzir a atitudes e comportamentos negativos e discriminatórios, como as pessoas transgéneras poderão explicar.

A maioria das pessoas classificaria implicitamente as características “masculinas” num patamar superior às “femininas”, e os homens que apresentam traços femininos são vistos “como” mulheres e desprezados em muitas sociedades por abdicarem voluntariamente da sua posição de poder. As lésbicas são normalmente vistas como desprezíveis e sofrem dupla discriminação – como mulheres e como pessoas homossexuais. Estes exemplos deverão dar uma ideia da ligação existente entre “heterossexismo”, discriminação de lésbicas, gays e bissexuais, e sexismo, e mostrar como as normas e valores sociais contribuem para influenciar o comportamento de qualquer indivíduo através da exclusão e discriminação social.

Os heterossexuais também sofrem com as desvantagens originadas pelo heterossexismo. São também reduzidos ao típico modelo a seguir. Isto pode originar conflitos quando se discute a partilha de tarefas e papéis numa relação (por exemplo, no que concerne as tarefas domésticas e a ganhar dinheiro). Conformer-se passivamente a uma norma causa pressão e impede as pessoas de desenvolverem completamente as suas capacidades de pensamento crítico e personalidade. Os homens, em particular, poderão ter problemas em estabelecer amizades chegadas com outros homens e evitam o contacto corporal com estes, para não serem vistos como “afeminados” ou “gays”.

No que diz respeito às relações amorosas, a maioria das pessoas pensa que todos pretendem ter uma relação monógama a longo prazo, uma família e, em alguns casos, acreditam que o sexo deverá servir apenas para reprodução. Muitas pessoas temem comportamentos ou ideias que difiram muito daqueles defendidos pela sua própria comunidade. Estas pessoas denunciarão e reprimirão essas atitudes que, na sua opinião, vão “longe demais”. Por isso, algumas pessoas influenciadas pelas ideias referidas esforçam-se por manter o seu comporta-

mento supostamente “desviante” tão invisível quanto possível.

A homofobia é também parte de uma perspectiva social e ideológica, que promove formas específicas de comportamentos e relações, assim como normas para relacionamentos e organizações sociais. Este quadro é também designado “a norma da heterossexualidade”, porque a norma prescritiva propõe a relação heterossexual tradicional como único estilo de vida válido.

As pessoas sentem necessidade de coerência interior e de serem socialmente aceites. Um fator importante que conduz à intolerância é que as pessoas não têm a certeza se são capazes de manter uma identidade e um estatuto socialmente aceites. Esta insegurança pode levá-las a agarrar-se de forma demasiadamente tenaz a conceitos rígidos de identidade e respetivas normas. Para se assegurarem a elas próprias e aos outros que a sua identidade é do mais elevado valor, as pessoas podem “punir” os outros que não estão em conformidade e projetar neles todo o tipo de comportamentos e características desonrosas. Muitas tensões étnicas atuais podem também ser atribuídas a este processo.

Formas de Homofobia

O comportamento negativo ou discriminatório pode ser apresentado numa série gradativa:

- Marginalização social
- Negação de direitos
- Bullying
- Comportamento ameaçador
- Violência

A distância social e o bullying são as formas mais comuns de discriminação que os homossexuais enfrentam no seu dia a dia. A violência é naturalmente a forma mais gravosa. Por vezes, as pessoas são insultadas ou até atacadas fisicamente, a sua propriedade é destruída e as suas organizações, instituições e locais de encontro são danificados.

Um Ciclo Vicioso que fortalece a Homofobia e o Racismo

A discriminação pode ser vista como um círculo vicioso de eventos. Se uma pessoa é diferente daquilo que é ideologicamente considerado “normal”, isto levanta dúvidas nas outras pessoas e pode fazê-las sentirem-se inseguras ou mesmo assustadas. Esta primeira *emoção* primária pode levar a uma *atitude* negativa que, por seu turno, pode provocar um *comportamento* negativo. Muitas pessoas gays, lésbicas e bissexuais tentam evitar essa discriminação “fazendo-se passar por heterossexuais”. Desta forma, tornam-se “invisíveis” como homossexuais, e só serão visíveis os gays e as lésbicas que não se escondem. Naturalmente, a sua forma de estar é depois aplicada e generalizada por toda a comunidade LGBT. O comportamento forçado de “se fazer passar por heterossexual” conduz assim a imagens seletivas de homossexualidade. Isto promove a perceção geral dos homossexuais como “pequenas minorias desviantes”, o que está ligado a emoções negativas que iniciam o ciclo vicioso. Como estas imagens são consideradas cada vez mais desviantes, implicam medo e ressentimento crescentes. Como resultado, também aumentam as hipóteses de se seguirem atitudes e comportamentos negativos. Por isso, o processo psicossocial da discriminação pode ser visto como um círculo vicioso autorreforçante. A discriminação baseada na etnia também pode ser explicada através deste quadro teórico.

Identities Flexíveis em Ambientes Seguros

Quando a intolerância está enraizada no ato de ligação rígida aos conceitos de identidade e normas relacionadas, então uma contra medida seria apoiar a criação e o desenvolvimento de identidades “flexíveis”. Pessoas com identidades “flexíveis”, por oposição àquelas com identidades rígidas, são mais flexíveis em termos de mudança de comportamentos e estilos de vida em resposta a novas necessidades e circunstâncias. Essas pessoas sentem-se seguras porque sabem que a sua autoestima e a sua felicidade não dependem das normas de outros ou de comportamentos estereotipados. A mudança das circunstâncias pode ser

interessante para elas, sem necessariamente representar qualquer ameaça. Para que existam mais identidades flexíveis, terão de ser criadas condições de segurança. Isto requer uma definição explícita de como as pessoas querem lidar umas com as outras, com diferenças e diversidade, com coisas que podem ser assustadoras, e do que necessitam para se sentirem seguras.

O melhor local para fazer tudo isto é na escola, já que quando se é jovem e se está num contexto autoritário, pode-se aprender como realçar as diferenças entre as pessoas, ser flexível e aberto face a diferentes indivíduos.

Como Combater a Discriminação

Objetivos Principais

Em primeiro lugar, é importante definir que resultados pretendemos obter. De forma geral, é possível estabelecer dois objetivos na educação e no aconselhamento sobre a homossexualidade dos jovens e adolescentes. O primeiro objetivo prende-se com o adolescente “comum” e pode consistir apenas na “menor discriminação no seio dos jovens”. O segundo objetivo visa principalmente adolescentes – pertencentes ao grupo-alvo geral – que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo. Aqui, um objetivo específico consiste em ajudá-los a aceitar os seus sentimentos e a encontrar lugar para eles nas suas vidas, para que se adequem às situações sociais e pessoais destes indivíduos.

Estes são objetivos muito gerais e é difícil verificar se ou de que forma foram atingidos. Considere as seguintes questões: Se dissermos que um objetivo é aumentar a autoaceitação, o que é que isto significa exatamente? Significa que os adolescentes devem ser mais abertos acerca dos seus próprios sentimentos e dos outros? Será que implica tolerância e aceitação dos homossexuais “normais”, ou inclui o respeito por todos os estilos de vida gays e lésbicos? De modo semelhante, quando definimos que o objetivo é “menos discriminação”, a que atitudes ou comportamentos discriminatórios específicos nos estamos a referir? Esperamos que os adolescentes parem de ofender gays e lésbicas? Esperamos que eles saibam e entendam porque é que hoje, em muitos países por todo o Mundo, os gays e as lésbicas se podem casar?

Estes objetivos são muito diferentes, e alguns deles não poderão ser plenamente atingidos em contextos escolares.

Estratégias Gerais de Melhoria

A verdadeira batalha contra a intolerância deveria ser travada a todos os níveis do ciclo vicioso acima descrito. No entanto, neste Manual, incidimos sobre o que poderá fazer na sala de aula ou nas sessões de aconselhamento.

- Debater alternativas para normas sociais heterossexistas, de modo a questionar normas sociais, quando estas são disfuncionais, e corrigir estereótipos é um bom ponto de partida.
- É possível aprender a lidar com emoções negativas resultantes de contactos com outras pessoas, especialmente se elas forem reconhecidas em cada experiência e aprendermos a dar-lhes um nome, como medo ou raiva. É geralmente muito difícil para membros de um grupo não privilegiado/minoritário manterem-se em contacto com as suas emoções e denominá-las, já que eles poderão sentir que estão a ser confrontados com um “inimigo”. Pedir-lhes para perceberem os receios e a raiva de pessoas intolerantes é muitas vezes extremamente difícil.
- Para o trabalho de grupo e dos meios de comunicação social, é particularmente útil incidir sobre o possível alargamento do ponto de vista de cada um. Isto pode ser atingido fazendo com que as pessoas meditem acerca da origem e validade das suas ideias, e favorecendo a reflexão acerca da utilidade destas para elas próprias e para a sociedade.
- Em contextos onde o comportamento real pode ser controlado, incidir diretamente na mudança de comportamento (por exemplo, estabelecendo regras básicas e corrigindo o comportamento negativo) poderá ser uma opção. É importante compreender que os adolescentes não poderão passar imediatamente de um comportamento homofóbico para a tolerância ou até mesmo aceitação. A homofobia e a heteronormatividade não são “entidades” massivas

que podem ser mudadas de uma só vez. Em vez disso, são quadros que abarcam um leque de valores e normas relacionados com várias esferas. Dependendo do grupo ou do indivíduo, um tema (como a sexualidade) pode ser um problema particular, enquanto outro poderá desempenhar um papel menos importante. É importante que os profissionais aprendam a olhar analiticamente para si próprios e para os seus alunos ou clientes, para reconhecer qualquer possível área de problemas e as fases pelas quais cada indivíduo ou grupo está a atravessar. Os educadores em particular, mas também os conselheiros, devem estabelecer objetivos intermédios e apoiar gradualmente o desenvolvimento pessoal dos seus alunos ou clientes. Por exemplo, num grupo que demonstre considerável resistência a qualquer informação sobre a homossexualidade, não é realista esperar qualquer mudança de atitude. Neste caso, deverá incidir-se, antes de mais, no alerta da consciência das pessoas para o tópico, ao invés de esperar um envolvimento real por parte dos adolescentes. Num grupo onde os adolescentes mostram tolerância e já construíram as suas opiniões em debates na turma, pode afigurar-se impossível transformar essa tolerância em ação, e podemos ver-nos subitamente confrontados com resistência. Isto poderá acontecer porque os jovens estão meramente a seguir uma norma social quando exprimem “tolerância”, enquanto as suas próprias opiniões ainda não foram “trabalhadas”. Se for este o caso, deverá despendar algum tempo inicial a “apreciar” a atitude tolerante que os adolescentes querem exprimir (por exemplo, discutindo que exemplos concretos de homossexualidade eles aceitam ou não) e depois transpor este nível de tolerância e aceitação para o contexto pessoal (por exemplo, quando um(a) aluno/a refere que consegue entender relações homossexuais monógamas, mas não a promiscuidade, porque ele/ela quer ter uma relação monógama).

Lidar com o Preconceito

Acima de tudo, é importante dizer a verdade. É tentador “corrigir” imagens estereotipadas acerca da homossexualidade ou da bissexualidade tentando negá-las. “Não, os homossexuais não querem provocar os outros!” Esta afirmação não funciona, especialmente quando os adolescentes já viram pessoas homossexuais que os “provocaram”, e parece não levar a sério o comentário dos adolescentes. Apesar de os estereótipos serem exageros, normalmente têm um fundo de verdade. Por exemplo, alguns homossexuais fazem piadas acerca do comportamento heterossexual rígido ou imitam um comportamento homossexual exagerado, principalmente porque se sentem intimidados por esse tipo de atitudes e querem torná-las menos ameaçadoras.

Esta é uma forma de autodefesa, como é normalmente o humor das minorias, mas também pode ser interpretada como provocação, apesar de ter uma razão e um contexto. Por isso, é estrategicamente aconselhável explorar os antecedentes deste fenómeno em vez de simplesmente negar o conteúdo do preconceito. Isto significa que os educadores e conselheiros necessitam de ter suficiente informação acerca de estilos de vida gays, lésbicos e bissexuais. Se alguns adolescentes heterossexuais se sentem provocados por homossexuais, isso deverá ser tido em conta. No entanto, a razão para se sentir provocado está ligada às normas heterossexuais, que são normalmente rígidas, e não necessariamente ao “facto” de uma pessoa gay ou lésbica pretender provocar alguém. Mesmo quando uma pessoa homossexual tenta insinuar-se junto de uma pessoa heterossexual (não nos estamos a referir a assédio sexual), os heterossexuais podem aprender a recusar esses avanços sem se sentirem provocados na sua identidade ou orientação sexual. Assim como as pessoas homossexuais deverão lidar com “avanços” de pessoas heterossexuais.

Lidar com Comportamentos Negativos

É igualmente importante aceitar que todos temos emoções e opiniões pessoais em relação aos tópicos da homossexualidade e sexualidade em geral. Os educadores e conselheiros devem aprender a reconhecê-las e identificá-las, primeiro neles próprios e depois nos outros, especialmente quando essas opiniões são negativas. Isto só pode ser feito dando aos jovens o espaço de que eles necessitam e bastante tempo para explorarem sentimentos pessoais. É melhor não sub/so-

brevvalorizar ou negar comentários discriminatórios/negativos, mas sim encará-los como potenciais tópicos de discussão, utilizando-os para explorar meios de desenvolvimento de um novo e mais respeitador comportamento. Isto implica que os educadores e conselheiros sejam capazes de construir uma relação de confiança com os jovens.

Lidar com as Próprias Emoções

Os educadores e conselheiros devem estar conscientes do facto de os seus próprios sentimentos e opiniões sobre a homossexualidade, bissexualidade e heteronormatividade influenciarem o seu ensino ou aconselhamento. Os adolescentes aperceber-se-ão rapidamente dos preconceitos pessoais do educador ou conselheiro, ou do seu pânico quando um adolescente emite um comentário negativo. Para além disso, poderá ser útil trabalhar com outros colegas, para que estes estejam também informados e conscientes.

Claro que os heterossexuais dificilmente imaginarão o que é ser homossexual. Podem tentar ser tolerantes mas, ao mesmo tempo, sentir-se-ão desconfortáveis ao imaginar atos sexuais entre duas pessoas do mesmo sexo.

Se se sentir inseguro acerca da sua experiência com o tema da homossexualidade, é melhor tentar explorá-lo mais aprofundadamente e partilhar esses sentimentos, em vez de negá-los ou escondê-los.

Lidar com Diferentes Grupos

Diferentes grupos reagem de forma diferenciada em discussões acerca da homossexualidade. A idade, o nível de ensino, o ambiente local, os antecedentes culturais e/ou étnicos, todos eles contribuem para determinar o que alguém sente e como forma as suas opiniões. Para alguns, o receio de não ser aceite também pode ser importante. Para outros, a convicção religiosa terá muita influência. Aconselhamento efetivo ou educação devem levar estas influências em linha de conta. Apesar da maioria dos adolescentes na Europa ter ideias bastante heteronormativas, os antecedentes e a origem destas ideias diferem e devem ser explorados. Para além disso, deve incidir-se nos jovens e outros grupos étnicos e religiosos que estão significativamente presentes nas escolas de hoje.

Uma forma de o fazer em situações de grupo ou individuais é começar uma aula ou uma sessão de aconselhamento colocando algumas questões num exercício de associação de ideias sobre a homossexualidade. Tal exercício serve dois propósitos. Dá aos adolescentes uma oportunidade de verbalizar as suas opiniões e exteriorizar as suas emoções, enquanto faculta ao educador ou conselheiro uma rápida visão geral do “mapa” de emoções, atitudes e questões sobre preferências sexuais, questões de género e sexualidade do grupo.

Lidar com Diferenças Culturais

Para ultrapassar a relutância dos adolescentes em debater, uma abordagem abrangente/holística será benéfica se o educador ou conselheiro for capaz de criar uma atmosfera de confiança e aceitação. Um ponto crucial será conceder aos adolescentes espaço suficiente para a discussão das suas expectativas, receios e mágoas. Eles necessitam absolutamente de expressar os seus estereótipos e preconceitos sem temer as consequências. Ao lidar com culturas diferentes, é também importante para os educadores e conselheiros saber quais são as condições de vida dos seus alunos ou clientes, e explorá-las em conjunto para que os adolescentes sintam que estão a ser aceites e levados a sério.

Também poderá ser útil desenvolver um manifesto da escola ou uma declaração comum afirmando os valores do respeito mútuo e banindo a discriminação. Neste contexto, deverá ser explicitamente mencionado que ninguém tem o direito de discriminar uma pessoa por causa do seu género, origem étnica, idade, deficiência ou orientação sexual.

Tal declaração deverá ser redigida juntamente com todas as pessoas envolvidas, especialmente os adolescentes.

Recomendações para o Diálogo Intercultural

(citado de Georg Auernheimer, *Einführung in die Interkulturelle Pädagogik*, 2003)

- Não adote uma postura defensiva ou missionária. Liberte-se da sua desconfiança.
- Separe a pessoa do “problema”. Isto significa que não deverá fazer depender o respeito que tem pelo seu parceiro de diálogo da opinião que tem sobre o seu sistema de normas ou percepção do mundo diferentes.
- Não use um padrão de valores inapropriado. Não compare os ideais da sua própria cultura com a diferente realidade social dos outros.
- Não trave guerras de crenças, mas tente antes encontrar solução para cada situação ou área de vida! Se necessário, procure uma terceira saída.
- Tenha em consideração que a pessoa que tem à sua frente pode já ter experienciado discriminação.
- Tenha em consideração a funcionalidade que muitos modelos tradicionais têm (tiveram) na reprodução da sociedade.
- Aceite a luta por uma identidade cultural, mas defenda os direitos do indivíduo.

Estratégias para lidar com Heterossexismo e Homofobia na Escola e nos Jovens em Geral

(parcialmente citado de *Project 10 handbook*, Friends of Project 10, Los Angeles, 1989)

- Inclua temas ligados ao lesbianismo e a LGBT no seu currículo ao discutir estes tópicos em alturas apropriadas, já que se aplicam a campos específicos.
- Inclua temas LGBT nos seus planos de aula e programas escolares como possíveis tópicos de discussão para a aula.
- Inclua leituras que contenham questões lésbicas e gays em listas de leituras obrigatórias e recomendadas.
- Inclua questões LGBT numa lista de tópicos possíveis e obrigatórios para trabalhos escritos ou apresentações na aula.
- Implemente planos de aula que tratem a questão dos insultos homofóbicos.
- Desenvolva ou obtenha planos de aula específicos direcionados para a homofobia e o heterossexismo para implementar nas suas aulas.
- Encoraje os alunos a pensar, escrever e discutir acerca das várias repercussões que a homofobia já teve nas suas vidas.
- Aprenda acerca de autores LGBT que deram contribuições significativas. Reconheça a orientação sexual desses autores, que está relacionada com o seu contributo para as temáticas estudadas na aula, como por exemplo Jane Adams, James Baldwin, Gertrude Stein, Walt Whitman e muitos outros.
- Convide pessoas LGBT ou os respetivos pais como oradores convidados, quando for apropriado.
- Familiarize-se com materiais curriculares e recursos locais relacionados com gays e lésbicas, como organizações sociais ou políticas, serviços de prestação de cuidados de saúde, serviços de aconselhamento, grupos de jovens, materiais de leitura e cinematográficos e utilize-os na sua aula.
- Utilize linguagem não-específica de género como “indivíduo”, “amante”, “pessoa” sempre que surjam discussões acerca de relacionamentos ou escolha de parceiros.
- Impeça qualquer comentário homofóbico feito por funcionários ou estudantes. Declare que ataques e piadas depreciativas, comportamentos e outras ações contra alguém devido à diferença tendo por base a orientação sexual são injustos, ofensivos e nocivos.
- Exponha abertamente folhetos e guias de recursos para comunidades LGBT nos gabinetes dos conselheiros e por toda a escola.
- Encoraje a formação e o desenvolvimento integral da equipa de profissionais, no que diz respeito ao heterossexismo e à homofobia.



EURIALO - Learning and guidance tools against discrimination: respect for all different sexual choices and cultural identities



ITALY

BELGIUM

LATVIA

PORTUGAL

SPAIN

www.eurialo.eu